

coleção

NOVELAS IMORTAIS

O CLUBE



ROBERT LOUIS STEVENSON

DOS SUICIDAS

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Fernando Sabino

ROCCO EDITORA

Sumário

[Apresentação](#)

[O Clube dos Suicidas](#)

[A história do rapaz com as tortinhas de creme](#)

[A história do médico e do baú de Saratoga](#)

[A aventura do cabriolé](#)

[Créditos](#)

Coleção Novelas Imortais

O CLUBE DOS SUICIDAS
ROBERT LOUIS STEVENSON

organização e apresentação
Fernando Sabino

tradução
Eliana Sabino

Apresentação

Se a arte de contar histórias é a de divertir, ensinar, espantar, arrebatat e manter aceso o interesse do ouvinte, conforme acontecia com as que lhe contava a governanta na sua infância, então Stevenson aprendeu bem a lição. O encantamento com que, em menino, acompanhei as aventuras do seu Capitão Kid na busca do tesouro corresponde à emoção adulta que me despertou o arrepiante confronto entre o bem e o mal travado pelo médico e o monstro, e ao enternecimento que me inspira na maturidade o seu “jardim da infância de versos”.

O curto período de 44 anos que durou sua vida pode não ter sido pontilhado de aventuras sensacionais, como sugeria na época a lenda que ele ajudou a manter. Mas sem dúvida foi uma vida bem agitada, em movimentação incessante por este mundo, apesar dos violentos acessos de hemoptise de que era vítima. A tuberculose foi a sua grande inimiga.

E grande instigadora – a ser verdade que essa doença traz consigo, como determinante da personalidade, uma permanente agitação, uma exacerbada excitação intelectual. São prova disso não só os desconcertantes caminhos que tomou sua vida ao longo das sucessivas viagens, como a elaboração tumultuada de sua numerosa e variada produção literária.

Robert Louis Balfour Stevenson nasceu a 13 de novembro de 1850 em Edimburgo, na Escócia. Pressionado pelo pai, que vinha de uma linhagem de engenheiros navais, começou estudando engenharia e acabou se formando em direito, profissão que nunca chegou a exercer: sua verdadeira vocação era a literatura. O primeiro livro, publicado em 1878, *An Island Voyage* (Uma viagem ao continente), descrevia uma viagem de canoa da França à Bélgica, já renunciando suas deambulações do futuro. Numa passagem por Fontainebleau em 1876, conheceu uma senhora americana, casada, já com dois filhos, onze anos mais velha do que ele, e que nem por isso deixou de lhe despertar uma paixão arrasadora. Acabou se casando com ela na Califórnia em 1880, depois de tumultuado divórcio, apesar das resistências do pai. Em seu livro *The Silverado Squatters* (Os posseiros de Silverado), publicado em 1883, ele descreve as agruras sofridas na sua viagem da Europa até o extremo oeste americano, já com a saúde profundamente abalada. A partir do casamento, percorreu com a mulher várias cidades do continente europeu, buscando um clima ideal para enfrentar a doença que o consumia. Enquanto isso, ia produzindo livros de viagem, ensaios e contos, sem maior sucesso. Em 1881, a partir do desenho de um mapa, havia

inventado para o enteado uma história de piratas, da qual nasceu o seu famoso romance *The Treasure Island* (A ilha do tesouro), publicado em 1883 e lhe trazendo enfim a consagração do público de todo o mundo. Acabou de volta à América, em 1887, internando-se num sanatório em Nova York, onde, coberto de fama, foi recebido como verdadeiro herói. Fama que se consolidara em 1886 com *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (O estranho caso do dr. Jekyll e do sr. Hyde, mais conhecido como O médico e o monstro). Finalmente ele obtinha o reconhecimento do pai, que até então lastimava não fosse o filho engenheiro e repudiava seu casamento.

Melhorando sua saúde, Stevenson comprou um barco e partiu numa viagem errante pelas ilhas dos mares do sul, com o que se iniciava a parte mais exótica de sua vida, descrita nos livros que se seguiram. Acabou se fixando com a família na ilha de Upolu, onde construiu uma grande mansão no alto do morro. Dali passou a se envolver na política dos nativos da região, pelos quais acabou sendo reverenciado como um verdadeiro deus branco. Com notoriedade estabelecida no mundo inteiro, publicou em 1886 *Kidnapped* (Raptado) e sua continuação *David Balfour* em 1893. No dia 3 de dezembro de 1894, depois de ditar durante algumas horas para a mulher o romance *Weir of Herminston* (O açude de Herminston), considerado sua obra-prima, sem outro aviso ele deu um grito, levando a mão à cabeça, e caiu fulminado por uma hemorragia cerebral. Ao fim, não foi a tuberculose que o matou.

Durante um tempo prevaleceu entre a crítica especializada uma tendência a desdenhar os trabalhos de ficção de Stevenson como desleixados, e considerá-los sem maior importância literária. Era um preconceito advindo do sucesso popular. Preconceito do qual não partilhava seu confrade e amigo Henry James, a deduzir-se pela interessantíssima correspondência com ele trocada, e que invejava a aceitação que sua obra alcançara por parte do público. Consideravam fruto de afetação o seu sucesso como homem de letras romântico e aventureiro. Era alto, magro, de longos cabelos negros e olhos negros ainda mais longos. Com o tempo, entretanto, esta imagem se esvaneceu (inclusive fisicamente: era um feixe de ossos ao morrer) e ficou a do autor de uma das mais palpitantes e renovadoras obras da literatura universal.

Haveria motivos para considerar desleixada na sua concepção a novela aqui apresentada, não fosse apenas aparente o desentrosamento das duas partes entre si e destas com o surpreendente desfecho. Na realidade, além de levantar os costumes da época através de ambientes e personagens, conduzindo a ação com admirável desenvoltura, o que fez Stevenson, nesta sua verdadeira extravagância literária, foi antecipar-se ao moderno romance policial, precursor de uma vertente que passou por criações como as de Sherlock Holmes, Raffles ou Arsène Lupin, para desaguar em criadores que vão de Edgard Wallace a Graham Greene na Inglaterra, Simenon na França, Dashiell Hammett e Raymond Chandler nos Estados Unidos. Esta será, talvez, uma das maiores qualidades de *O clube dos suicidas* – pelo menos

aos olhos dos aficionados do gênero, entre os quais me incluo.

Quanto à tradução, dando-me por suspeito, ousou dizer apenas que confiei a uma profissional competente, e que Eliana Sabino soube se sair bem da tarefa, com um trabalho digno do original.

FERNANDO SABINO

1986

O CLUBE DOS SUICIDAS



A história do rapaz
com as tortinhas de creme

Enquanto morou em Londres, o fabuloso Príncipe Florizel, com seu jeito simpático e sua admirável generosidade, conquistou o afeto de todas as classes sociais. Era considerado um homem extraordinário, mesmo que pouco se soubesse a respeito dele. Embora fosse, em circunstâncias normais, de temperamento plácido, acostumado a aceitar o mundo tão filosoficamente quanto qualquer camponês, o Príncipe da Boêmia não deixava de apreciar uma vida mais aventureira e excêntrica do que aquela a que estava destinado. Às vezes, quando ficava de mau humor, quando não havia uma peça engraçada em qualquer dos teatros de Londres, quando a estação do ano não lhe permitia um dos esportes em que sempre vencida todos os competidores, ele convocava seu confidente e estribeiro-mor, o Coronel Geraldine, e ordenava que se preparasse para um passeio noturno. O estribeiro-mor era um jovem oficial de temperamento corajoso, até mesmo temerário; recebia a notícia com satisfação e corria a preparar-se. Longa experiência e variado conhecimento da vida deram-lhe uma habilidade única em matéria de disfarces; ele conseguia adaptar não apenas o rosto e a postura, mas a voz e quase que os pensamentos, aos de qualquer classe, caráter ou nacionalidade; assim, desviava a atenção que seria dedicada ao príncipe, e às vezes conseguia que os dois fossem admitidos em estranhas sociedades. As autoridades civis nunca ficaram sabendo dessas aventuras; a coragem imperturbável de um e o raciocínio rápido e a cavalheiresca devoção do outro já os tinham livrado de muitos perigos; e à medida que o tempo passava eles ficavam mais confiantes.

Certa noite de março, uma forte chuva de granizo levou-os a entrar num Oyster Bar, nas proximidades de Leicester Square. O Coronel Geraldine estava vestido e caracterizado como uma pessoa ligada à imprensa e de situação financeira precária; o príncipe, como sempre, disfarçara-se com costeletas falsas e um par de enormes sobranceiras, que lhe davam um ar desganhado e embrutecido: o mais perfeito disfarce para uma pessoa de seu refinamento. Assim equipados, o comandante e seu assistente bebericavam em segurança um conhaque com soda.

O bar estava cheio de fregueses – homens e mulheres; embora mais de uma pessoa tenha conversado com nossos aventureiros, nenhuma conversa prometia tornar-se interessante. Ali havia apenas o retrato das agruras da vida em Londres e o lugar-comum da decadência, e o príncipe já começara a bocejar e a cansar-se de toda a excursão, quando a porta foi empurrada com violência e um rapaz entrou no bar, seguido por dois criados. Cada um carregava uma grande bandeja de tortinhas de creme sob uma coberta, que imediatamente removeram; e o rapaz percorreu o bar oferecendo tortas a cada um, insistindo para que aceitassem com uma cortesia exagerada. Às vezes a oferta era aceita com risadas; às vezes rejeitada com firmeza, até mesmo com rispidez. Nesse caso o recém-chegado sempre comia o doce ele mesmo, com um comentário mais ou menos bem-humorado.

Finalmente aborrou o Príncipe Florizel.

– Senhor – disse, com uma respeitosa mesura, oferecendo a tortinha

entre o polegar e o indicador –, daria esta honra a um desconhecido? Responsabilizo-me pela qualidade da iguaria, pois desde as cinco horas já comi duas dúzias e mais três.

– Tenho por hábito dar menos importância à natureza do oferecimento do que ao espírito em que ele é feito – replicou o príncipe.

– O espírito, senhor, é de zombaria – retrucou o rapaz com outra mesura.

– Zombaria? – repetiu Florizel. – E de quem pretende zombar?

– Não estou aqui para expor minha filosofia – respondeu o outro –, mas para distribuir estas tortinhas de creme. Se eu lhe disser que de todo o coração incluo a mim mesmo no ridículo da transação, espero que considere sua honra satisfeita, e que condescenda. Se não o fizer, irá me obrigar a comer a vigésima oitava, e confesso estar farto dessa ocupação.

– Sinto-me comovido – respondeu o príncipe –, e tenho muita vontade de livrá-lo desse dilema, mas com uma condição: se meu amigo e eu comermos suas tortas, coisa para a qual nenhum de nós dois tem qualquer inclinação natural, vamos esperar que, como recompensa, o senhor jante em nossa companhia.

O rapaz pareceu refletir.

– Ainda disponho de várias dúzias – declarou finalmente. – Isso me obriga a visitar vários outros bares antes de dar por terminado meu negócio. Vai demorar um pouco; se os senhores estão com fome...

O príncipe interrompeu-o com um gesto educado:

– Meu amigo e eu vamos acompanhá-lo – disse. – Estamos desde já muito interessados nesse seu modo tão agradável de passar a noite. E agora que já estabelecemos as condições para a paz, permita que eu assine o tratado, em nome de ambos.

– E o príncipe comeu a tortinha com grande elegância.

– Deliciosa – declarou.

– Percebo que o senhor é um conhecedor – replicou o rapaz.

O Coronel Geraldine da mesma forma apreciou o doce; e tendo todos no bar aceitado ou recusado o oferecimento, o rapaz das tortinhas de creme levou-os para outra taverna. Os dois empregados, que pareciam estar acostumados com esse absurdo trabalho, seguiam atrás; o príncipe e o coronel fechavam o cortejo, de braços dados, sorrindo um para o outro. Nessa ordem o grupo visitou dois outros estabelecimentos, onde ocorreram cenas semelhantes às já descritas: algumas pessoas recusavam e outras aceitavam as cortêsias daquela gentileza boêmia e o rapaz comia ele próprio cada torta recusada.

Ao deixarem o terceiro bar, o rapaz verificou seu estoque: sobravam-lhe apenas nove tortinhas, três em uma bandeja e seis na outra.

– Senhores, não quero atrasar sua ceia – declarou, dirigindo-se a seus dois novos seguidores. – Tenho certeza absoluta de que estão com fome. Acho que lhes devo uma consideração especial, e nesta grande data para mim, quando encerro uma carreira de loucuras com um gesto de rematada tolice, desejo agir direito para com todos os que me derem apoio.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

